

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE



Atena
Editora

Ano 2021

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE



Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Abordagens psicológicas do inconsciente

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Thiago Meijerink
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A154 Abordagens psicológicas do inconsciente / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-434-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.341212608>

1. Psicologia. 2. Abordagem. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea *Abordagem Psicológicas do Inconsciente*, reúne seis artigos que abordam diversas enfoques dado à elaboração iniciada com Freud sobre o Inconsciente

Freud parte das ciências da natureza para todo o seu empreendimento rumo às neuroses. Empreendimento este iniciado após a bolsa de estudos em Paris no ano de 1885, onde realizou uma espécie de residência clínica sob os cuidados do neurologista/psiquiatra francês Jean Martin Charcot no Hôpital de la Salpêtrière. Anos depois, em 1895 escreve seu *Entwurf Einen Psychologie* como uma tentativa de explicar o funcionamento do aparelho psíquico.

No Projeto, Freud lança algumas das ideias que fundamentam o que posteriormente nomeia como metapsicologia. Aborda desde a concepção quantitativa da pulsão, a lógica entre prazer e desprazer, a ideia de recalçamento, até o inconsciente (a omissão da consciência) enquanto processo primário e que se manifesta nos sonhos.

Mas é somente em 1900 que o conceito do inconsciente é primariamente formulado. Essa formulação ocorre em *Traumdeutung*, obra que Freud dedica à criação de um método para ler esse discurso outro, dessa Outra Cena, que é o inconsciente.

Desejo uma excelente leitura dos artigos que se seguem.


Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O INCONSCIENTE NUMA EXPERIÊNCIA (PÃ)FORMATIVA


Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126081>

CAPÍTULO 2..... 10

A TEORIA DO DUPLO EM *DON JUAN* DE MOLIÈRE: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA


Alcione Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126082>

CAPÍTULO 3..... 19

JORGE MARTINS: A SUA INTROJEÇÃO COM A PROJEÇÃO DE SEUS DESENHOS

Luís Filipe Salgado Pereira Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126083>

CAPÍTULO 4..... 29

MEMÓRIA EDUCATIVA: SIGNIFICADOS QUE EMERGEM NA ATUAÇÃO DOCENTE

Frizete de Oliveira

Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126084>

CAPÍTULO 5..... 48

A RELAÇÃO ENTRE OS TRAUMAS PSICOLÓGICOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS MENTAIS NA VIDA ADULTA

Ronnyel Wanderson Soares Pacheco

Manoel Aguiar Fenelon Junior

Daniela Machado Bezerra

Maria Goreth Pearce de Sousa Silva

Armando Gabriel Machado Arruda


Daniel Henrique Pinheiro Rebouças

Jacob Victor de Santana Costa

João Henrique Piauilino Rosal

Vinícius José de Melo Sousa

Joíson Ramos - Jesus

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126085>

CAPÍTULO 6..... 63


QUANDO A DEPRESSÃO ADENTRA O TEMPLO

Wanessa Azevedo Sousa

Salma Suellen Ingelsrud Leal.

Érica Vanessa Rodrigues da Silva

Ruth Raquel Soares de Farias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3412126086>

SOBRE O ORGANIZADOR.....	79
ÍNDICE REMISSIVO.....	80

CAPÍTULO 2

A TEORIA DO DUPLO EM *DON JUAN* DE MOLIÈRE: UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Data de aceite: 01/09/2021

Alcione Gonçalves

Doutora em Linguística Teórica e Descritiva
Centro Federal de Educação Tecnológica de
Minas Gerais (CEFET-MG)

RESUMO: O enfoque psicanalítico, como fonte de embasamento de leitura, tem sido muito utilizado pela literatura nos dias atuais. Muitas são as suas possibilidades, entre elas o estudo da personagem, com ênfase no DUPLO. Neste ensaio, propomos uma releitura de *Don Juan*, tendo sob enfoque a Psicanálise e a Teoria do Duplo. No decorrer da trama, buscamos analisar o comportamento das personagens centrais e como suas atitudes contribuíram para o desfecho da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Teoria do Duplo; Narcisismo; Don Juan.

ABSTRACT: The psychoanalytic approach as a source of grounding in reading, has been widely used in literature today. There are many possibilities, including the study of character, with emphasis on DOUBLE. In this essay, we propose a new reading of *Don Juan*, with focus on Psychoanalysis and the Theory of Double. During the plot, we analyze the behavior of the central characters and how their actions contributed to the outcome of the narrative.

KEYWORDS: Psicanálise, Teoria do Duplo, Narcisismo, Don Juan.

1 | INTRODUÇÃO

O tema da dupla personalidade, como parte integrante de obras literárias, não é um assunto novo, embora de grande interesse e de significativa popularidade, tendo atingido seu apogeu na Alemanha, durante a Era Romântica, em meados do século XIX.

Hoje, com os recursos oferecidos pelas técnicas cinematográficas, é facilmente concedido a um autor trabalhar com o mundo complexo e até místico da duplicação da personalidade. Há uma tendência, entre os autores contemporâneos, de se estudar a problemática dualista sob o ponto de vista psicológico. Tal escolha é perfeitamente plausível, visto que a dissociação da personalidade é fruto, consciente ou inconsciente, da mente de determinado indivíduo.

O tema do duplo, ou dupla personalidade, reproduziu-se através dos séculos como reflexo ou imagem. O homem primitivo considerava a sombra como seu duplo, como um ser espiritual, porém real. Para os antigos, a sombra (personalidade invisível) acompanhava o indivíduo até a morte e sua perda em vida era o mesmo que olvidar a própria identidade. Essa sombra representava o *duplo invisível*. O seu conceito, visto primitivamente como sombra, evoluiu para o de alma, cuja distinção era feita entre “uma alma viva, e uma dos mortos, que aparecia somente com a morte e continuava a

vida no Além” (RANK, 1939, p.142).

O conceito de alma progressivamente passou a assemelhar-se, o quanto possível, ao da personalidade, deixando de ser simplesmente reflexo para transformar-se em um duplo real, ao ponto de tornar-se independente, combatendo a verdadeira personalidade em todas as ocasiões, especialmente, nas situações amorosas.

Nas religiões primitivas, era comum a crença em uma alma mortal, representada pelo diabo, e uma imortal, simbolizando Deus, permitindo o surgimento de um *duplo antagônico*, personificando o bem e o mal.

Verificamos que sua terminologia passou por vários estágios. Para os primitivos, era a própria personalidade, garantindo sobrevivência futura; mais tarde, passaria a representar uma personalidade anterior, identificando-se com a juventude do indivíduo e, finalmente, tornou-se uma personalidade oposta, rejeitando a existente.

O duplo que, em determinado momento, passou a representar o anjo guardião, zeloso pela imortalidade do homem, transformou-se no anjo mau, perseguindo e atormentando a consciência como um anunciador da morte.

A essa mania de perseguição, associa-se o pavor que a ideia de solidão provoca, apresentando-se sob a forma concreta de um incômodo intruso. Muitos autores já retrataram uma profunda melancolia perante o isolamento e constantes alucinações no que concerne à problemática dualista. Dentre eles Musset, Maupassant, Edgar Alan Poe, Dostoiévsky e vários outros que trabalharam com o tema da dupla personalidade.

O surgimento da dupla personalidade decorre de um desdobramento, devido à incapacidade de vinculação do homem com seu próximo. A não aceitação de outrem faz com que este duplo possibilite a aniquilação de sentimentos próprios, convertendo esse outro em alguém necessário para nós – daí o surgimento do narcisismo.

Não podemos admitir que seja por mero acaso, na mitologia grega ou em outra parte, que o significado mortal do Duplo esteja intimamente ligado ao narcisismo, porquanto sabemos que a ideia da Dupla Personalidade (sob todos e quaisquer pontos de vista) se originou completamente do amor à própria personalidade (RANK, 1939, p. 124).

Reiteradamente, o narcisista, na busca de sua transcendência, vincula-se a dois meios de comunicação: seu diário e o romance autobiográfico. No entanto, é na imagem do espelho que ele encontra sua verdadeira identidade. O espelho é, para o narcisista, a projeção do eu, ou seja, a reafirmação de todos os atributos externos e internos que ele próprio convenceu-se de possuí-los. Tal comportamento reflete inevitavelmente nas relações interpessoais. Todo e qualquer indivíduo que apresente um narcisismo secundário (patológico) buscará nas ligações pessoais o seu duplo. O outro será importante à proporção que se apresente como objeto de duplicação.

O fundamento do narcisismo tem como condicionante a necessidade indefinida de encontrar, entre os parceiros, um outro que seja o mesmo. O outro não lhe interessa senão à medida que o repete tal qual é, tal se pensa

ser, tal valeria ficar. O mito de Narciso se vincula à negação da transcendência do outro. Quando beija é a si mesmo que o faz. Assim sendo, se ele nega o *outro*, jamais verá e/ou ouvirá outra pessoa além de ele *mesmo* (XAVIER, 1989, p.12) (Grifos do autor).

Certificando-nos da relação entre o narcisismo e o duplo, no seu sentido mais amplo, faz-se de fundamental importância analisarmos, mais detalhadamente, o inconsciente e, às vezes, o insaciável desejo de duplicação o qual corresponde, em muitos casos, à estrutura da personalidade narcisista.

Mas, antes que possamos entender essa interdependência, é necessário tomarmos conhecimento da formação de uma mente narcisista, como ela se manifesta perante o mundo externo e quais suas habilidades e artimanhas para incorporar o mundo real em seu espaço psíquico.

O campo narcisista constitui-se basicamente de um sistema de “preferências” ou de “menosprezo”:

Se Narciso pôde apaixonar-se por sua imagem, foi por vê-la como a mais formosa, por preferi-la a todas as outras que a rodeavam [...]. Por isso, o sistema narcisista, e é sempre um sistema, exige pelo menos três elementos: o que escolhe e dois que possam ser comparados (BLEICHMAR, 1985, p.11).

Ao estudarmos uma personalidade narcisista, observamos que seu culto nasce de um excessivo amor próprio, em muitas ocasiões, manifestado por psiconeuroses. As razões que levam um indivíduo a comportamento similar são inúmeras. Dentre elas, o medo da morte e do envelhecimento são as mais conhecidas, nem por isso menos complexas. O narcisista, aterrorizado pela ideia da decrepitude, tenta situar-se de forma a tornar-se intemporal:

É [...] a busca da eterna juventude, no mito da intemporalidade que é um escapar ao tempo. [...] É a maneira mais suave de facear o envelhecimento ou de renascer na esperança mítica do eterno retorno (XAVIER, 1989, p.13).

Desencadeador de uma constante luta contra o tempo, o narcisista foge de tudo e de todos que o obriguem a viver subjugado às leis a que todos nós, seres humanos, estamos sujeitos: às leis do envelhecimento corporal, anunciadoras da morte.

No que tange ao convívio social, ele é incapaz de envolver-se emocionalmente em qualquer relacionamento. Uma partilha implicaria perda de tempo, uma vez que vive na eterna busca de seu *duplo idêntico*.

Embora o narcisista possa funcionar no mundo cotidiano e, com frequência, encantar outras pessoas (não menos que com a pseudopercepção interna de sua própria personalidade), a desvalorização de outros, junto à falta de curiosidade a respeito deles, empobrece sua vida pessoal e reforça a experiência subjetiva de vazio. Faltando-lhe qualquer compromisso intelectual real com o mundo (não obstante uma estimativa frequentemente inflacionada de suas próprias capacidades intelectuais), ele possui pouca capacidade de sublimação. Depende, conseqüentemente, dos outros para constantes

injeções de aprovação e admiração. Ele precisa ligar [-se] a alguém, vivendo [uma existência] quase parasita. Ao mesmo tempo, seu medo de dependência emocional, junto à sua abordagem exploradora, manipuladora, das relações pessoais, tornam essas relações amenas, superficiais e profundamente insatisfatórias. 'A relação ideal para mim seria um relacionamento de dois meses', disse um paciente fronteiro. 'Assim não haveria compromisso. Ao final de dois meses, eu simplesmente me separaria' (LASCH, 1983, p.64-65).

Incapaz de ter um parceiro que o lembre da existência de uma sucessão temporal, o narcisista busca o descompromisso e o não envolvimento afetivo, uma vez que a fidelidade de um amor assegura a continuidade do tempo. Amores inquietos e múltiplos parecem liberá-lo do tempo, transmitindo a ideia de descontinuidade. O mito da intemporalidade é, certamente, gêmeo do narcisismo que conduz ao duplo.

O homem narcisista é incapaz de unir-se a alguém, a não ser a si próprio, buscando em suas relações algo que o reproduza. Como lhe é impossível encontrar um outro apto a duplicá-lo em sua totalidade, vive inúmeros romances, todos impreterivelmente fracassados. O narcisista é alguém que exige demasiadamente de seus parceiros, mas, em hipótese alguma, permite que tais cobranças lhe sejam feitas.

Inconstante no amor, vive em permanente desilusão, não se considerando, obviamente, inepto para amar, vendo os demais seres humanos como incapazes de corresponderem a seus anseios. Não raras vezes, admira algum "herói" ou "indivíduo destacado", deferindo-se como parte integrante dessa pessoa. Na verdade, o ser a quem idolatra é visto como mera extensão de si mesmo. Quando o "herói" não corresponde às suas expectativas, ele parte para um novo ídolo, às vezes, com ódio e/ou amor. O narcisista é incapaz de ver outra pessoa como um "ser superior", possuidor de atributos que talvez ele não seja dotado dos mesmos. Ao contrário, somente idolatra alguém em vista de que o ser admirado apresenta-se à sua imagem e semelhança, ou seja, o seu *duplo idêntico*.

Embora siga as normas impostas pela sociedade, talvez pelo medo de repreensões, em várias circunstâncias, considera-se um "fora da lei" e vê os outros com a mesma ótica: "como basicamente desonestos e pouco confiáveis, ou somente confiáveis por causa de pressões externas" (LASCH, 1983, p.77). Apresentando acentuada misantropia, vive numa defesa latente contra a dependência. Uma misantropia, porém, às avessas, já que busca o convívio social apenas com indivíduos capazes de duplicá-lo. Em sua ótica, a sociedade divide-se em dois grupos: "os ricos, grandes e famosos, de um lado, e o rebanho comum, do outro" (LASCH, 1993, p.115). Evidentemente, teme fazer parte do grupo dos que considera "mediócras".

A independência pessoal, que a todo instante tenta reafirmar, não passa de uma constante aprovação a ser feita pelo seu ego no intuito de validar sua autoestima. Livre de qualquer dever social, ele se proclama onipotente, soberano de seus atos e principalmente de seus impulsos. Para o narcisista, não há nada pior do que se sentir preso às paixões e aos arrebatamentos.

Isolando-se, ele busca a não identificação com os mais jovens, por estes trazerem a seu consciente a realidade de uma continuidade de gerações, como se as gerações mais novas “enfraquecessem” a posição social dos que não são tão jovens. Em contrapartida, opõe-se aos mais velhos por estes lhe mostrarem que o envelhecimento é um processo inevitável.

Embora não se identifique com os demais seres humanos, o narcisista almeja um alto posto e, em muitas circunstâncias, busca a celebridade. Essas pessoas exibem de forma exagerada a obsessão predominante pela celebridade e uma determinação de consegui-la mesmo à custa de auto-interesses racionais e da segurança pessoal. Ligado à busca da notoriedade, encontramos uma outra forma mais relevante de assumir uma posição de destaque que se manifesta no exibicionismo. Evidentemente, o sucesso narcisista está centrado em nada mais substancial do que num desejo de ser amplamente admirado, não por suas realizações, mas por si próprio, acriticamente e sem reservas.

Outro fator que não podemos deixar de aludir é sobre a formação dessas personalidades egoicas, no âmbito familiar, quando o indivíduo está sujeito às pressões psicológicas impostas por seus progenitores. Em um lar onde os pais, narcisistas patológicos, vivenciam uma série de desilusões, no tocante aos seus desejos, o que podemos denominar de *colapso narcisista*, seus filhos são criados de forma obsessiva, visto apresentarem-se como objeto de projeção. Esse aspecto é identificado nas situações em que os pais veem o filho como extensão de si mesmos. É o processo de *introjeção* ou *identificação*. Um indivíduo, cuja personalidade foi moldada dentro de tais circunstâncias, apresentará provavelmente um comportamento narcisista, visto que, desde a infância, tornou-se o centro das atenções.

Em nossa sociedade capitalista e, acima de tudo, consumista, torna-se substancialmente mais complexo fazer uma análise das reais causas do narcisismo uma vez que vivemos em um meio em que a publicidade encoraja todos “a ver a criação do eu como a forma mais alta de criatividade” (LASCH, 1983, p. 124).

Buscando chegar a uma deliberação entre Duplo *versus* Narcisismo, é necessário enfatizar que as superstições e os costumes concernentes ao duplo fundamentam-se nas mesmas bases do narcisismo: o temor da morte e do envelhecimento. Podemos interar que, nesse sentido, a garantia da imortalidade fundamenta-se por meio do duplo. Uma vez que o narcisista busca projetar-se, ele está procurando, paralelamente, o seu duplo *idêntico* e *complementar*. Idêntico, por reproduzi-lo integralmente, e complementar, por satisfazer sua constante necessidade de aprovação.

2 | O DUPLO EM DON JUAN

Em *Don Juan*, encontramos o insaciável sedutor de mulheres, personificando, muitas vezes, o diabo, representando a encarnação perfeita da ausência de honradez, de expiação

e de arrependimentos. É em seu comparsa e criado onde se aloja todo o discernimento e todos os escrúpulos de consciência. Em situações de desavenças, é o “pai psicológico”, Leporello, que assume o lugar do filho inconsequente. Isso nos explica porque Leporello, por vezes como verdadeiro *doublé* de seu amo, o substitui, sobretudo quando se trata de uma mulher. Há entre ambos, evidentemente, uma estreita relação de interdependência psicológica. A fusão desses dois caracteres se constituiria, por excelência, em uma única personalidade.

Leporello, quase tão conhecido quanto seu senhor, é, sem dúvida alguma, a peça fundamental na complementação do jogo de seduções em que vive o herói.

Esse criado que é, sobretudo, seu amigo e confidente em todas as aventuras de amor, não é um companheiro voluntário e um comparsa, e sim um doméstico indolente, tímido, cuidando apenas de seus próprios interesses. Na sua qualidade de companheiro e confidente, ele se permite críticas inadmissíveis. ('A vida que levais é de um vadio', ato 1º, cena V). Ele pede e recebe *in natura* uma parte da presa feita pelo seu senhor. Como criado, procura evitar todo perigo, recusa trabalhar, e completando o exemplo do mau doméstico, não permanece no serviço se não ameaçado ou pago. Nos festins, furta os melhores bocados. Pode-se dizer: tal amo, tal servo, mesmo porque Don Juan permite essas liberdades porque dele necessita a cada momento (RANK, 1939, p.21-2).

Uma das inúmeras passagens em que o criado substitui Don Juan é na famosa cena do registro, quando Dona Elvira exige algumas explicações ao herói. Este foge e deixa essa incumbência a seu servo que, imediatamente, lê a lista das mil e três mulheres conquistadas e abandonadas por seu senhor.

Poderíamos argumentar, em outras palavras, que o criado é o herói negativo, ou mesmo, o “bode expiatório” das aventuras de um sedutor que não acredita nem em Deus, nem no diabo. Leporello constituiria, por assim dizer, um caso de técnica ligado ao desenvolvimento do caráter do herói.

Para compreendermos essa interdependência psicológica entre senhor e servo, devemos analisar que existe uma estreita relação psíquica entre a dupla personalidade e o caráter do herói. Don Juan vive em um eterno conflito entre o seu *Eu individual*, que não admite nenhuma censura, e o *Eu social*, representado por Leporello. Há, na maioria das versões de *Don Juan*, um outro *Eu social*, personificado no Comendador que é injuriado e assassinado pelo protagonista. Este espectro reaparece em todos os episódios da vida do conquistador em que é preciso lhe mostrar que existe uma consciência e que se faz necessário frear os impulsos. Se não é para alertar o herói, é para anunciar-lhe sua morte no próximo dia.

Lembremo-nos de que Don Juan, a todo instante, desafia as leis naturais da vida. Ele subestima tudo e todos e não pensa que o desgaste do tempo irá afetá-lo. A vida do herói mostra-nos que ele parece ter superestimado seu próprio valor de homem livre, sem respeito às conveniências, acreditando ser superior não apenas às leis humanas, mas a

todas as instituições divinas.

Retornando à ideia da consciência, observamos que existe um grande potencial místico e religioso em torno das aparições do Comendador. Vale lembrar que a ideia da morte vir buscar o vivente é tão antiga quanto a história da humanidade. O homem sempre manifestou temores aos demônios mortuários. Existe em Don Juan, outra dualidade que se resume no desfrute dos prazeres carnavais e na ameaça da finitude corporal. E é por isso que as aparições do espectro do Comendador trazem em si uma grande carga emocional. O herói desafia a morte, mas a teme, interiormente, mais do que tudo.

Por que este medo da morte é tão acentuado em Don Juan?

Existe, evidentemente, todo um sentimento de culpabilidade e um receio de ser castigado. Há um pavor inconsciente de que a morte, como espírito, venha se vingar e mostrar todas as falhas praticadas em vida. Há uma crença primitiva, mas que ainda persiste em muitos, que um “homem morto”, por meios sobrenaturais, consiga obter resultados satisfatórios no que concerne à influência sobre nossas vidas. E é por esse motivo que o retorno dele, quando para vingar-se de seu assassino, é causa de pânico para o acusado. É o que poderíamos denominar “morto vingador”. Em *Don Juan*, essa passagem dá-se no momento em que o Comendador aparece ao herói e o convida a entrar na “capela funerária”. Ele aceita, porém não mais retorna. O que se pode identificar é que há na obra toda uma crença na alma, sobretudo na intervenção do diabo.

Como fantasma, o Comendador representa o diabo que vem ao encontro de todos aqueles que desafiam a morte. O medo a essas aparições não é nada mais do que o temor à consciência que aparece sob a forma de um demônio e que nos chama à luz da razão. O protagonista nega sua consciência por meio de uma total onipotência sobre seus atos. Ele se considera um “amante-deus”, superior aos demais mortais.

A imponência da personagem de Don Juan consiste no seu repúdio a toda aspiração de heroísmo. Ele não suprime os homens para poder possuir as mulheres, mas reivindica as mulheres como um direito a que se atribui, e não tem escrúpulos em suprimir os obstáculos aos seus desejos. Essa desenvoltura o preserva da identificação com um criminoso vulgar. Ele não tem necessidade de matar um homem para conquistar sua mulher, porque, por sua própria natureza, não pode ter rivais no amor. Quando não pode vencer pela força da sua personalidade, recorre, então, ao ardis ou à força (RANK, 1939, p. 65).

E é por isso que, para Don Juan, a mulher deve ter um amante legítimo, sem o qual não terá atrativos. Somente dessa forma, ele poderá demonstrar seus dotes de um perfeito sedutor. Esse amante legítimo é, também, uma dupla personalidade de Don Juan, assim como Leporello. Há no caráter do herói uma antiga crença que o identifica ao “totem animador”, deus que tem o poder de fecundar a todas as mulheres e ainda de doar um pouco de sua alma.

Essa atitude perante as mulheres é vista pela ideologia cristã como “um ato de

volúpia diabólica”. É a ideia do pecado mortal. É o descompromisso com a união eterna e a desvalorização dos laços matrimoniais que o torna aos olhos cristãos um “sexual cínico”. Em algumas obras, ele retrata nitidamente uma personalidade diabólica.

Don Juan personifica essa personalidade diabólica no que para nós se refere à manifestação dos instintos, nos impulsos animalizados, sobretudo na sexualidade e na conquista irrefreada das mulheres. Evidenciamos que a personagem retrata, simultaneamente, duas filosofias: a cristã e a heróica. Externamente, é a representação de uma ideologia heróica em que conquistar as mulheres de outros homens é, simplesmente, reivindicar um direito próprio. E, interiormente, figura a filosofia cristã que teme a purgação no inferno.

Em meio a esse jogo de seduções, onde se situa a mulher? A princípio, seu papel era eminentemente passivo. Porém, em muitas versões, é ela que se vinga do herói, substituindo todos os demais duplos de Don Juan (Leporello, Comendador, amante legítimo) para impor-lhe limites.

Geralmente, é a primeira mulher, conquistada pelo herói, que retorna ao fim da narrativa, cobrando-lhe o assassinato de um outro homem, normalmente o pai da jovem, ou mesmo alguma promessa do conquistador no tocante ao enlace dos amantes. É uma nova mulher que deixa de viver sob o jugo dos homens e de ser meramente um objeto de prazeres sexuais.

Don Juan pode ser considerado, até certo ponto, como um emancipador dessas personagens. Não como um herói que rapta a mocinha das mãos do vilão e a guarda somente para si, mas no sentido em que permite, apenas, emancipá-la em sua plenitude. “É antes de mais nada um instrumento sem vontade entre as mãos da mulher que conquistou sua liberdade, rompendo os elos de uma superstição sexual, servindo-se, para isso, do homem” (RANK, 1939, p.77).

Na tradição espanhola, o herói rapta Dona Elvira do convento e a esposa. É ela que, durante toda a narrativa, aparece ao sedutor e o induz a renunciar aos seus vícios, transformando-se na dupla personalidade, no anjo guardião do herói. Lembremo-nos de que Don Juan foi abandonado por sua mãe na infância e viveu tratando outras mulheres exatamente como ela o fez, amando-as e depois abandonando-as.

Entre as várias análises psicanalíticas referentes à personalidade desse eterno sedutor, encontramos a de Menninger (1970) que diz respeito às “pessoas homossexuais inconscientes”, como Don Juan, “que andam pelo mundo com listas de Leporello para provar como são heterossexuais potentes como que para negar o segredo que seu inconsciente lhes sussurra” (MENNINGER, 1970, p. 305).

Ao analisarmos a vida de Don Juan, constatamos que esta personagem nos entregou um brilhante e minucioso compêndio de condutas psicopatológicas, em que o amor a si mesmo, o desprezo pelo outro e a busca incessante pelo prazer tornaram-se temáticas centrais nas narrativas deste “eterno” sedutor.

Nosso objetivo aqui, portanto, foi condensar, textualmente, o fenômeno do Duplo de forma clara e objetiva, buscando facilitar sua futura identificação em outras obras, levando-se em consideração as inovações do conceito de leitura trazidas pela teoria psicanalítica, permitindo alargar o campo polissêmico e despontar para novos pontos de vista na área literária.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, Douglas. *O diário perdido de Don Juan*. São Paulo: Objetiva, 1969.

BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução de Emília de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KALINA, Eduardo & KOVADLOFF, Santiago. *O dualismo*. Tradução de Oswaldo Amaral. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperança em declínio*. Tradução de Ernani Paranelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MENNINGER, Karl. *Eros e Tânatos: o homem contra si próprio*. Tradução de Aydano Arruda. São Paulo: Imbrasa, 1970.

MOLIÈRE, (JBP). *Don Juan*. Tradução de Celina Diaféria. São Paulo: Hedra, 2005.

RANK, Otto. *O duplo*. Tradução de Mary B. Lee. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília, 1939.

RANK, Otto. *A figura de Don Juan na tradição*. Tradução de Aurélio Pinheiro. Rio de Janeiro, Machado e Ninitch, 1934.

ROGERS, Robert. *A psychoanalytic study of the double in literature*. Detroit: Wayne State University Press, 1970.

SOARES, Luiz Eduardo. *O autor e seu duplo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

XAVIER, Maurício. *Ser e não ser. Fragmentos da Teoria do Duplo*. Rio: PUC, 1989. Tese de doutoramento.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação docente 29, 38

Adversidades 43, 49, 51, 58

C

Crenças religiosas 63, 65, 68, 72, 73, 74, 75

Criança 2, 37, 38, 44, 49, 51, 52, 57, 58, 59, 60

D

Depressão 49, 50, 52, 57, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78

Desenho 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27

Des-subjetivação 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27

Don Juan 10, 14, 15, 16, 17, 18

E

Espiritualidade 63, 75, 77

Eu 2, 7, 8, 11, 13, 14, 15, 19, 20, 22, 24, 25, 43, 44

F

Freud 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 21, 27, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 46, 47, 67, 76

I

Inconsciente 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 30, 32, 33, 36, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 79

Infancia 54

Introjeção 14, 19, 20, 22, 25, 26

J

Jung 1, 2, 3, 4, 9, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 67, 77

M

Memória educativa 29, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46

N

Narcisismo 10, 11, 12, 13, 14, 18

P

Pã 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9

Performance 1, 8

Projeção 11, 14, 19, 20, 22, 25, 27

Psicanálise 1, 5, 6, 8, 9, 10, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 79

Psíquico 12, 32, 33, 35, 44, 47, 66

R

Religiosidade 63, 65, 68, 77

S

Saúde mental 49, 50, 59, 61, 63, 65, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78

Sonhos 1, 7, 27


Subjetivação 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27


T


Teoria do duplo 10, 18


Transtorno 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 65

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



 Atena
Editora

Ano 2021

ABORDAGENS PSICOLÓGICAS DO INCONSCIENTE

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2021